

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

NATALIA ROVARES DA SILVA

**DISPUTAS PELO PODER POLÍTICO NO MUNICÍPIO DE URUSSANGA NA
PRIMEIRA REPÚBLICA**

CRICIÚMA

2015

NATALIA ROVARES DA SILVA

**DISPUTAS PELO PODER POLÍTICO NO MUNICÍPIO DE URUSSANGA NA
PRIMEIRA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para
obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado no
curso de História da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Zanelatto

CRICIÚMA

2015

NATALIA ROVARES DA SILVA

**DISPUTAS PELO PODER POLÍTICO NO MUNICÍPIO DE URUSSANGA NA
PRIMEIRA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura e Bacharelado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Política.

Criciúma, 09 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. João Henrique Zanelatto - Doutor - UNESC - Orientador

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre - UNESC

Prof. Marcos Juvêncio Moraes – Mestre - PUCRS

Meu avô, a você todo meu carinho, todo meu amor e minha eterna saudade!

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão será voltada primeiramente a Deus, a ele devo minha existência. Indicou os meus caminhos quando ainda pequena decidi o que queria para minha vida: Ser professora! De lá para cá, fui grandemente abençoada em todos os passos que me permitiu dar. Eternamente grata aos meus pais Gilberto e Vivia, que com seu apoio entrei com vontade e coragem no curso de História, este sonho não é apenas meu, é deles também, muito obrigada Pai e Mãe, vocês são bênçãos em minha vida, eu AMO muito vocês. Dedico esta vitória a minha avó Valma e meu avô Valdonir (*in memória*). Agradeço ao meu amado marido Robson Schuelter, que todo apoio, carinho e atenção me dedicou, além de toda paciência nesses últimos meses. A toda minha família, o meu muito obrigada. Meus queridos professores, que ao longo destes cinco anos compartilharam suas experiências e conhecimentos comigo e me apelidaram de garota problema, obrigada por terem me ajudado a resolver muitos deles. Meu professor orientador João Henrique Zanelatto, que acreditou em mim confiando em meu trabalho e oferecendo todo suporte e ajuda que precisei, muito obrigada. E a todos que direta ou indiretamente deram sua contribuição à minha pesquisa: OBRIGADA.

“Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história”.

Sérgio Buarque de Holanda

RESUMO

Urussanga, colônia de italianos no Sul de Santa Catarina, teve sua emancipação política em 1900. Após a emancipação iniciam as disputas pelos cargos públicos e monopólio político entre a elite local formada. Objetiva-se discutir as disputas pelo poder político entre comerciantes, padres e cônsules italianos no município de Urussanga na Primeira República, identificar os espaços públicos que foram sendo ocupados pela elite local. Este trabalho está fundamentado na renovada história política, abordagem que contribuiu para a ampliação de estudos de âmbito regional e local, que busca dar visibilidade as especificidades das conexões e tensões políticas. No que tange as fontes o presente estudo analisou a produção historiográfica local e regional, relatórios de cônsules, registros do poder executivo e legislativo municipal e imprensa. A primeira parte da pesquisa abordou o processo de imigração europeia para Urussanga, o crescimento econômico da colônia e a luta pela emancipação política demonstrando que neste processo as várias forças sociopolíticas e econômicas da colônia/distrito estiveram unidas para alcançar o poder. Quanto a segunda parte tratou de analisar as disputas que se processaram para o domínio político entre os grupos que se constituíram no novo município. Disputas que envolveram os interesses não somente locais, mas também regional e estadual. Além disso, foi abordada a organização fascista no município.

Palavras-chave: Emancipação. Disputas. Poder. Elite. Urussanga.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Grupo Fascista de Urussanga.	36
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Primeiro Superintende de Urussanga e Conselheiros Municipais.	29
Quadro 2: Segundo Superintendente de Urussanga e Conselheiros Municipais.	30
Quadro 3: Terceiro Superintendente de Urussanga e Conselheiros Municipais.....	32
Quadro 4: Último Superintende de Urussanga e conselheiros Municipais ao fim da Primeira República.	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 IMIGRAÇÃO, COLONIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: DA CONSTITUIÇÃO SOCIOPOLÍTICA DE URUSSANGA	15
3 COMERCIANTES, PADRES, CÔNSULES E AS DISPUTAS PELO PODER POLÍTICO EM URUSSANGA.....	24
3.1 Organização sociopolítica regional e estadual	27
3.2 Mudanças e permanências nas disputas pelo poder local.....	30
3.3 O Fascismo em Urussanga	35
4 CONCLUSÃO.....	38
5 REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

O município de Urussanga, no Sul Catarinense, foi o primeiro núcleo colonial a se emancipar na região em 1900. Constituído a partir de 1878, com a chegada dos imigrantes italianos, na sua maioria procedentes de Vêneto, região situada ao norte da Itália, Urussanga configurou-se no único município de Santa Catarina com a população eminentemente de italianos, constando no início do século XX com 7.145 habitantes, dos quais 7.000 eram italianos e descendentes. Logo após a emancipação, a disputa política deu-se entre os membros da elite local, que se tornaram elegíveis para os cargos públicos. Esta disputa pelo domínio local é pensada a partir das relações de poder como: alianças, acordos, tensões e confrontos para conseguirem o monopólio do poder local. A partir da instalação do município, surgiram facções locais que almejaram serem os porta-vozes dos colonos. Comerciantes, padres e cônsules disputaram o monopólio político e cultural no município durante toda a primeira República.

As disputas pelo poder político entre comerciantes, padres e cônsules italianos no município de Urussanga, durante a primeira República, compõem o objetivo deste escrito. Sendo assim, as pesquisas fundamentaram-se na renovada história política, abordagem que até alguns anos atrás enfrentava uma série de preconceitos. Isso porque até então a história política havia sido “admitida para ser essencialmente relacionada ao Estado; em outras palavras, era mais nacional e internacional, do que regional”¹. Esse descrédito emergiu a partir das críticas contundentes que a história política recebeu do grupo dos Annales, provocando uma marginalização da dimensão política dos fatos sociais, pois a consideravam literária, passível de ser romanceada e, sobretudo, por fundamentar-se em conflitos localizados e de curta duração.

Na década de 1960, a crítica à história política viria do marxismo e do estruturalismo, contribuindo também para o descrédito da história política, ao identificá-la como um tipo de história que estava ancorada exclusivamente no acontecimento, na linearidade e na narração dos fatos. O marxismo, ao centrar a explicação histórica no primado da luta de classes e no econômico, marginalizou a importância do político, que passou a ser analisado em decorrência do econômico².

¹ BURKE, Peter. Abertura a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 10.

² FÉLIX, Loiva Otero. A história política hoje: novas abordagens. **Revista Catarinense de História**, n. 5, 1998, p. 8.

Quanto ao estruturalismo, transformou “o político – visto como jurídico-político – de superestrutura em um nível, numa instância ou uma estrutura regional, visto ao lado de outras duas, a econômica e a ideológica”³, que ao debaterem-se, o econômico, em última instância, acaba sendo determinante.

Então, historiadores de três correntes – Annales, marxismo e estruturalismo – foram responsáveis pelo descrédito sofrido pela história política até o final da década de 60. Cabe lembrar que essa discussão de descrédito e revalorização da história política é uma discussão que não se igualam em todos os países. Na Alemanha a história política já encontrava variadas linhas de atuação antes mesmo dos Annales.

Na década de 1970 teve início um processo de revalorização e renovação da história política. Jacques Julliard foi um dos primeiros historiadores a propor a reversão do quadro da história política tradicional. Inicialmente apontou seus vícios e defeitos.

A história política é psicológica e ignora condicionamentos, é elitista, biográfica mesmo, e ignora a sociedade global e as massas que a compõem; é qualitativa e ignora o serial; visa o particular e ignora a comparação; é narrativa e ignora a análise; é materialista e ignora o material; é ideológica e não tem disso consciência; é parcial e não sabe que é; atém-se ao consciente e ignora o inconsciente; é pontual e ignora o longo prazo; numa palavra, porque esta palavra resume tudo na gíria dos historiadores, é factual.⁴

Depois de expor os defeitos e vícios, Julliard propôs a necessidade de renovação da história política, para que se recuperasse de seu atraso. E foi enfático ao considerar que, marxista ou não, o historiador não pode desinteressar-se do problema da natureza social do poder político.

A renovação que a história política vem experimentando nas últimas décadas pode ser entendida levando-se em consideração a amplitude das transformações sociais e das novas orientações da pesquisa histórica. Esse processo de renovação e valorização da história política refletiu-se em trabalhos de âmbito regional e local. A partir da década de 1980 a história política saiu do descrédito, pois passou de tradicional para uma história do político desde suas bases estruturadoras. Assim, analisar a trajetória de constituição das elites municipais e regionais, suas tensões e conexões, contribuirá para encontrar algumas peculiaridades e singularidades nas disputas pelo poder local de Urussanga, permitindo a ampliação da historiografia local, em uma abordagem que não seja a tradicional. Até então a

³ FÉLIX, Loiva Otero. A história política hoje: novas abordagens. **Revista Catarinense de História**, n. 5, 1998.

⁴ JULLIARD, Jaques. A Política. In: LE GOF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novas abordagens**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 181.

história política relacionava-se apenas com o Estado, deixando de lado todas as suas especificidades, ou seja, sem falar de toda base estruturadora do estado e suas relações diretas com a história política. No caso desta pesquisa, será contada a história das relações de poder que havia em uma sociedade com elites recém-desenvolvidas que buscavam estabilidade política através da luta emancipatória de um pequeno município colonial, portanto,

a palavra política não pode ser entendida separada da ideia de “poder”. O poder, por sua vez, às vezes é confundido com o Estado, instituição normatizadora da vida em sociedade. Entretanto, o poder não é unicamente o Estado, pois está disseminado por toda a sociedade. E também a atividade política não se dá exclusivamente no Estado.⁵

No que diz respeito às fontes, foram utilizadas a produção historiográfica local e regional, relatórios de cônsules e registros do poder executivo e legislativo municipal e a imprensa.

Dentre as bibliografias da historiografia local que contribuíram para esta pesquisa destacam-se as obras: *Catolicidades e italianidades: Tramas e poder em Santa Catarina* de Claricia Otto, *Tão fortes quanto a vontade* de Nelma Baldin e *Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil* do Padre Luigi Marzano.

A obra de Claricia Otto refere-se a sua tese de doutorado. É o resultado de um trabalho de pesquisa documental e bibliográfica, que demonstra que a Igreja Católica é uma instituição dividida, repleta de fissuras e com uma atuação muito sujeita às injunções políticas locais, nacionais e internacionais. Neste contexto, a obra, com seu grande referencial, conta-nos como padres italianos, cônsules e as elites locais de Urussanga estiveram envolvidos em tramas relacionadas ao poder local durante e depois do processo de emancipação política.

As facções (elites, padres e comerciantes) enfatizadas pela autora almejavam serem os porta-vozes dos colonos, pois com a italianidade sendo algo muito presente entre os colonos, eles acreditavam que manter o sentimento de amor à pátria-mãe seria o caminho mais eficaz para chegarem ao poder. Claricia Otto possui graduação em História Licenciatura e Bacharelado e é doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Tão fortes quanto à vontade, de Nelma Baldin, trata-se de uma obra sobre a formação econômica e social do Brasil, com contribuição do imigrante italiano. A obra de Nelma Baldin analisa as condições em que se encontrava a Itália nos fins do século XIX, a política

⁵ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

emigrantista dos vênnetos em relação ao Brasil e a fundação das primeiras colônias em Santa Catarina, principalmente Urussanga.

Baldin traz neste livro a história de seus ancestrais, que foram colonos vênnetos. Trata-se da obra das famílias de Antônio Baldin e Antônio Benedet, que eram bisavós paternos e maternos da autora. Baldin é graduada em história pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, mestre e doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Na Itália fez Pós-Doutorado.

Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil de Padre Luigi Marzano, é uma obra que trata da colonização italiana no sul do Brasil. O livro, escrito em italiano e traduzido para o português pelo Pe. João Leonir Dall'alba, é um relato das experiências e do que fora visto no dia-a-dia pelo padre quando esteve no Brasil. Marzano veio para o Brasil nas missões Turinesas, com o objetivo de dar apoio e suporte para os colonos emigrados da Itália.

O trabalho foi dividido em dois capítulos: O primeiro capítulo será dividido em três momentos: 1. Abordará o processo de imigração europeia para Urussanga, a partir de 1878, quando os primeiros imigrantes partiram em direção as colônias brasileiras; 2. Como se deu o processo de chegada, instalação e adaptação na colônia; 3. Será explicitado a luta pela emancipação política demonstrando que neste processo as várias forças sociopolíticas e econômicas da colônia/distrito estiveram unidas para alcançar a autonomia política, e mostrará as forças que foram contrárias a este processo e que envolveu o jogo político regional.

O segundo capítulo também será dividido em momentos distintos: 1. Irá destacar que os grupos que estiveram unidos no processo de emancipação política passaram a disputar o poder local. 2. Apontará que a emancipação ocorreu logo após a proclamação da República e que esta mudança transformou a organização política nacional e estadual, e como se processaram as disputas de 1900 a 1930 entre os grupos políticos de Urussanga. 3. Mostrará a organização do grupo fascista em Urussanga na década de 1920.

2 IMIGRAÇÃO, COLONIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: DA CONSTITUIÇÃO SOCIOPOLÍTICA DE URUSSANGA

A chegada dos primeiros imigrantes italianos no sul de Santa Catarina, especificamente em Urussanga, se deu a partir de 1878. A população que viria habitar Urussanga era da região norte da Itália, Vêneto. Saíram da Itália com o desejo e a esperança de uma vida melhor na nova terra. Os imigrantes, antes de partirem, faziam a compra do devido terreno que ocuparia no Brasil, o governo Imperial garantia às famílias da primeira leva de imigrantes que aportariam no Brasil suas instalações com um contrato de compra e venda dos lotes já devidamente medidos. Mas não foi como aconteceu, pois, ao chegarem à colônia Urussanga, os imigrantes recebiam os lotes que haviam comprado e se deparavam com florestas, diferente do que fora acordado quando ainda estavam na Itália, que diziam que o lote estava devidamente medido. Para evitar as frustrações das primeiras experiências da imigração espontânea, o diretor Eng. Joaquim Vieira Ferreira, com ordens da Inspeção Geral das Terras e Colonização, deveria observar a precisão da metragem dos lotes, pois todos tinham que estar “[...] com todas as *linhas* perfeitamente medidas, tendo cada um (*dos lotes*) 250 metros de frente e 605 metros de fundos [...]”⁶. Sendo que

o trabalho de medição dos lotes de terra era de obrigação e deveria ser diretamente supervisionada pelos Diretores das Colônias (implantadas ou em implantação). Era planejada pela *Inspetoria Especial de Terras e Colonização da Província* e determinado pela *Inspetoria Geral de Terras e Colonização do Ministério da Agricultura* e os custos desse trabalho todo, já estavam incluídos no preço do lote a ser pago pelo colono.⁷

Ao aportarem no Brasil, os primeiros imigrantes “acamparam às margens do rio, no trecho da estrada entre Azambuja e Urussanga, na localidade de Rancho dos Bugres, onde algumas famílias já ficaram ali estabelecidas [...]”⁸. As outras famílias partiram atrás de seus lotes que se localizavam em “todo vale da colônia Urussanga: *Região Central da Colônia (Sede)* às margens do Rio Urussanga, e os *Núcleos Agrícolas Coloniais* do Rio Maior; Rio Salto; Rio América; Rio Caeté; Rio Carvão; Rio Barro Vermelho; Rio Deserto [...]”⁹.

⁶ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil**: os vênnetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999, p. 72.

⁷ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil**: os vênnetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999, p. 73.

⁸ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil**: os vênnetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999, p. 75.

⁹ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil**: os vênnetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999, p. 75.

A partir de então começaram a surgir as primeiras das muitas dificuldades encontradas pelos colonos imigrantes durante o processo de chegada, instalação e adaptação na colônia.

Inicialmente, ao serem recepcionados, os colonos sofreram com a falta de infraestrutura, e logo se sentiram abandonados pelas autoridades governamentais. Em uma perspectiva bastante tradicional sobre as dificuldades enfrentadas pelos colonos no processo de chegada e instalação, Padre Marzano faz a seguinte exclamação:

Pobrezinhos! Se os locais de onde haviam partido não eram belos (*dadas as circunstâncias sócio-econômicas, naturalmente*), horríveis eram esses onde haviam chegado. Não havia casas, não havia praças, não havia estradas, não havia população. Havia somente céu e florestas!¹⁰

Não haveria nenhum estranhamento nesse relato, se não houvesse nativos (índios) nessa nova terra. Nativos que foram sendo exterminados e perderam suas terras, ficaram, e ainda estão, excluídos da história, pois a historiografia ainda privilegia estudos que enaltecem o pioneirismo do imigrante. Outro aspecto sobre a citação foi que os imigrantes viviam na Itália em terrenos que não passavam de um hectare, enquanto que aqui no Brasil tornaram-se proprietários de lotes que variavam de 25 a 30 hectares. Por este comparativo pode-se inferir que estes imigrantes passaram a ter uma situação socioeconômica muito superior àquela que tinham na Itália. Condições estas que foram sendo conquistadas no processo de desenvolvimento da sociedade, a partir da valorização da terra.

Mas isso não quer dizer que estes imigrantes não encontraram dificuldades quando da chegada ao Brasil. O isolamento e a falta de estradas vieram em seguida. Apesar de todas as dificuldades encontradas, a falta de estradas, de meios de transporte, instrumentos de trabalho, os colonos se viam em uma situação em que não podia se fazer outra coisa, a não ser começarem suas vidas na nova terra.

E assim, foram aos poucos desmatando a floresta, construindo suas casas, preparando a terra, semeando, plantando e produzindo o necessário para sua subsistência. O excedente era destinado à comercialização e investidos em roupas para família, instrumentos de trabalho, compra de animais para o serviço agrário e transporte¹¹. Quando saíram da Itália em direção ao Brasil, os imigrantes italianos trouxeram diversas sementes de hortaliças para plantar nos seus terrenos, era uma forma de se começar a nova vida.

¹⁰ MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Tradução de João Leonir Dall'alba. Florianópolis: Editora da UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985, p. 55.

¹¹ ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Criciúma: UNESC, 2012, p.153

As condições econômicas dos colonos eram divididas entre os que já haviam pago seus lotes e os que ainda não pagaram¹². Aqueles que já haviam pago seus lotes recebiam o título de propriedade definitiva, e o empenho no trabalho era o que movia os que ainda não tinham pago a quitarem suas dívidas na busca pelo título de dono da propriedade. Apesar de todos os esforços, trabalhar para pagar sua casa era algo compensador. E isso era um sinal de uma vida melhor em relação à Itália.

Contudo, mesmo melhorando a condição socioeconômica em relação à vida que levavam na Itália, o cotidiano nas colônias era muito difícil. Se de um lado a produção da colônia (milho, arroz, feijão, aguardente, vinho, leite, queijo e outros) enfrentava problemas como a falta de estradas, o transporte e os intermediários, o que acabava encarecendo o preço final dos produtos, por outro, utensílios de casa, sal, tecidos, ferramentas de trabalho e até mesmo pregos e uma simples agulha de costura eram vendidos na colônia com o preço acima de seus valores reais.¹³

Logo, todos os esforços, produção e trabalho começaram a apresentar os primeiros resultados. As plantações de saladas, como repolho, cenoura, espinafre, cebola, salsa, brócolis, tomates, couve, frutas, abóboras, berinjela, tornaram-se comuns nos quintais das casas dos colonos.

Todos esses alimentos nos mostram que o imigrante esforçou-se para não perder os seus hábitos alimentares originais e ancestrais, embora agora vivesse em um país de clima tropical, diferente portanto, daquele do qual era originário. E, apesar do calor do clima de Urussanga (e também nas demais Colônias), continuaram a ingerir os alimentos calóricos das regiões frias de onde vieram, principalmente no caso da polenta. Um outro prato que merece ser citado, no caso, é a adaptação da minestra (sopa) de macarrão original que por aqui, passou a ser enriquecida com caldo de feijão preto, às vezes com um pouco de arroz [...].¹⁴

Os colonos, além de suas hortas, adquiriram, através de trocas ou vendas, animais domésticos, e também aves e porcos para o consumo. A prática da venda e da troca era comum entre os moradores da colônia agrícola (zona rural) e os moradores da Sede Urbana Central de Urussanga. O cavalo veio um pouco mais tarde, quando os colonos melhoravam de vida e adquiriam condições financeiras. Esse animal era utilizado como transporte. Os engenhos, moinhos, serrarias, fábricas artesanais, ferrarias, foram surgindo. Esse desenvolvimento e crescimento da colônia fez com que Urussanga se tornasse centro comercial de toda a zona de colonização italiana, superando mesmo as primeiras Colônias

¹² DALL'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina**. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul; Florianópolis: Lunardelli, 1983.

¹³ ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Criciúma: UNESC, 2012, p.153

¹⁴ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999, p. 84.

como Azambuja, Pedras Grandes, Canela Grande e Armazém.¹⁵ Alfredo Cusano, um italiano que viveu na região nos anos de 1904 até 1906, faz um destaque ao crescimento de Urussanga durante esse período:

Em Urussanga existem 19 casas comerciais, das quais 10 são realmente notáveis porque giram um capital que vai de 40 até 100 mil Liras (*o que equivaleria dizer, à época mais ou menos 2:000\$000 a 2:500\$00 réis*) e pertencem a Luca Bez Batti, atual Prefeito da cidade. Giovanni De Pelegrin, Luigia Michele, Fernando Búrigo, Antonio Cechinel, Arcangelo Bianchini, Pietro Bez Batti, Lucia Damian, Giacinto De Brida e Vincenzo de Villa.¹⁶

Ainda sobre o crescimento de Urussanga, Cusano o comparou com as colônias de Criciúma e Nova Veneza, destacando diferenças como o número de casas comerciais e o capital de giro:

Em Criciúma as casas comerciais são em número de sete, sendo que conheço os proprietários de quatro delas: os senhores Pedro Benedet, Marcos Rovaris, Federico Minatto e Antonio de Luca, os quais têm juntos, um capital entre 25 e 40 mil liras (o que equivaleria na época, mais ou menos 1:000\$000 a 1:500\$000 réis). E em Nova Veneza, estão os irmãos Bortoluzzi com um capital de mais de 60 mil liras e Luigi Trippa, G. B. Crivanzi e Giuseppe Canella que têm juntos, cerca de 20 mil liras.¹⁷

Devido ao crescimento e desenvolvimento do comércio em Urussanga, uma elite local se formou, “representada por imigrantes e seus descendentes”¹⁸, e acabou por influenciar o quadro socioeconômico-político da colônia.

Essa elite local formou-se a partir dos interesses em comum de diferentes grupos em serem autoridades na colônia. Grupos estes que detinham um capital econômico bastante representativo na colônia. Assim, destacam-se Lucas Bez Batti, Jacinto de Brida e Caruso MacDonald. Lucas Bez Batti era italiano, nascido em 1862. Com 19 anos emigrou para o Brasil, chegando a Urussanga em 1879 juntamente com seus pais. Como muitos colonos, o trabalho diário e as economias os fez abrirem uma padaria. A família tornou-se comerciante e Lucas Bez Batti acabou por ingressar na vida política.¹⁹

¹⁵ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil:** os vênnetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999, p. 88.

¹⁶ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil:** os vênnetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999, p. 88.

¹⁷ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil:** os vênnetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999, p. 88.

¹⁸ ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder:** o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas. Criciúma: UNESC, p. 155.

¹⁹ MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga.** Urussanga: Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979, p. 150.

Caruso MacDonald, além de cônsul, era advogado e proprietário do jornal *La Pátria*. Era considerado um porta-voz autorizado, portanto era portador de um capital sociopolítico significativo na colônia. A partir da emancipação de Urussanga ocupou o cargo de secretário da Câmara Municipal.

Giacinto de Brida era comerciante. Esteve junto dos colonos e das outras elites locais na busca pela emancipação de Urussanga, após a conquista desta, tornou-se o primeiro superintendente (prefeito) do município.

Acreditando no crescimento e no progresso da colônia, a elite local decide lutar pela emancipação, pois Urussanga, desde 1891, pertencia ao município de Tubarão e contava com uma grande força eleitoral. Até os anos de 1891, quando passou a pertencer a Tubarão, e 1900 quando se emancipou, Urussanga configurou-se como distrito. Essa conquista de Urussanga em ser elevada como distrito, aconteceu quando foi organizada uma Comissão Provincial que teria como sede Urussanga. De início, quando instalada, a comissão foi “chefiada pelo engenheiro Francisco Ferreira Pontes, que governou até 1885, definindo e estabilizando a nova sede como centro de gravidade de toda a extensa zona colonial, que tinha sob sua jurisdição as terras do Município de Araranguá”²⁰. Após 5 anos da criação da Sede da Comissão em Urussanga, ela foi transferida para Tubarão, o engenheiro Francisco Ferreira Pontes continuou como diretor, onde mais tarde foi substituído por Aquino Fonseca e seguido por Polidoro Santiago.

Na luta pela emancipação política de Urussanga as elites se uniram e fizeram frente na batalha. Então, bem articulados, criaram um movimento em prol da emancipação política de Urussanga, e decidiram enviar para a Assembleia dos Deputados uma petição que solicitava a emancipação.

A principal causa da reivindicação dos colonos tinha relação com a aplicação dos impostos. A formação e ação desse novo grupo político era justificado com a tese de que Urussanga deveria ser beneficiada com verbas do Estado, já que contribuía para os cofres públicos²¹

Mesmo enviando as verbas, não haviam recebido nem um retorno. Argumentavam também que Urussanga contava com uma população de mais de 5 mil pessoas, que era o mínimo exigido pela lei Estadual, e economia suficiente para manter um município. A elite local tinha interesses a mais na emancipação, pois na busca pelo poder local, eles sabiam que

²⁰ MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga**. Urussanga: Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979, p. 145.

²¹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 197.

“somente com a elevação de Urussanga a categoria de município, membros da elite local poderiam ser elegíveis para cargos públicos naquela localidade”²².

Mesmo diante de tantos argumentos, a solicitação de emancipação não foi atendida.

Indícios levam a crer que a elite luso-brasileira de Tubarão²³ não queria perder o domínio sobre a colônia, pois, como se viu, isso significava perder domínio político de um contingente eleitoral representativo, a indicação de nomes para cargos públicos, além dos impostos que não mais seriam recolhidos.²⁴

Um exemplo da preocupação de Tubarão em perder o domínio do distrito de Urussanga pode ser percebido diante do episódio que aconteceu em 1898, quando um grupo de 150 colonos foi até Tubarão com o objetivo de retirarem seus títulos eleitorais, porém apenas 18 dos 150 colonos foram aceitos e tornaram-se eleitores; a maioria teve o título negado, pois “Tubarão tinha medo que um dia os estrangeiros chegassem à supremacia”²⁵. Então os colonos que não conseguiram os seus títulos ficaram inconformados e dirigiram-se até o município de Araranguá, onde 130 títulos foram inscritos. “Nessa época, havia dúvidas quanto aos limites dos municípios de Tubarão e Araranguá. Esses dois municípios disputavam o domínio sobre Urussanga”²⁶.

Com o pedido de emancipação negado, os colonos ficaram inconformados, como diz Marques²⁷:

[...] a negativa causou revolta, mas os eleitores bem orientados pelo seu guia P. Luigi Marzano e diplomaticamente amparados pelo Cônsul Gherardo Pio de Savóia, cessaram seus protestos para aguardar nova eleição. Chegada esta, recusaram-se todos ao exercício do voto, deixando em pânico os políticos do Governo.

Nesta citação observa-se os nomes de duas figuras, que estiveram envolvidos em todo o processo de emancipação de Urussanga e até mesmo após a oficialização da mesma: o P. Luigi Marzano e o cônsul Gherardo Pio de Savóia. Ambos almejavam serem reconhecidos

²² OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 197.

²³ A elite luso-brasileira de tubarão durante a Primeira República esteve representada pela família Colaço. Eles governaram o município até o ano de 1922. Intermediavam mercadorias produzidas nos núcleos coloniais, especialmente aquelas que faziam parte da jurisdição do município. ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas. Criciúma: UNESC, 2012, p. 119-120.

²⁴ ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas. Criciúma: UNESC, 2012, p. 156.

²⁵ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 196.

²⁶ ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas. Criciúma: UNESC, 2012, p. 156.

²⁷ MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga**. Urussanga: Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979, p. 148.

como porta-vozes dos colonos. O padre “procura significar a realidade constituindo sujeitos católicos, o outro procura incutir a ideia da italianidade, associada ao nacionalismo italiano”²⁸. Ser porta voz dos colonos significava firmar o que é ser italiano, uma visão mais próxima da Itália, “para os padres italianos, manter a fé significava conservar a cultura italiana, um modo de ser italiano católico, vale dizer, o binômio fé/italianidade”²⁹. Para os cônsules, o reconhecimento perante os colonos era legítimo, acreditavam que por serem representantes oficiais, a autoridade perante a colônia e os colonos era merecida. Essa afirmativa pode ser percebida na seguinte citação:

Os cônsules têm uma visão do espaço conforme a posição ocupada nesse espaço. Entretanto, ressalta-se que o ponto de vista deles está instituído como ponto de vista legítimo. Por ser legítimo, precisa ser reconhecido, pelo interior de uma sociedade específica, neste caso, das colônias italianas catarinenses.³⁰

A mesma autora ainda diz que “os porta-vozes utilizam o discurso acerca da etnia como estratégia nas disputas pela construção de sujeitos e pelo reconhecimento da autoridade”³¹. Um outro meio utilizado para propagar os discursos de italianidade, amor à pátria mãe, era a Imprensa. Ela era “mais do que simples propagadora de notícias, pois ela atua como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção social”³².

Mas afinal, quem eram e de onde vinham esses agentes consulares? O Cônsul era o mediador entre o governo italiano e as colônias de imigrantes. Quando da partida dos imigrantes da Itália, o que se via era o abandono dos imigrantes, os agentes consulares e o governo, faziam pouco caso dos emigrados, dizendo até que, se foram para o Brasil, não eram mais italianos. Além dessa indiferença por parte dos cônsules, eles eram desmotivados devido ao pouco salário que ganhavam. Mas apesar disso era um cargo considerável, pois ganhavam visibilidade e prestígio perante a sociedade.

Nos anos aproximados de 1887 e 1888, medidas que mudaram esse quadro de indiferença em relação aos emigrados foram tomadas. Em discussões parlamentares, as autoridades diplomáticas que até o exposto momento limitavam-se apenas em fazer

²⁸ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 83.

²⁹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 81.

³⁰ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 85.

³¹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 85.

³² OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 100.

intermédios na extradição dos emigrados decidiram, a partir de então, tratar a emigração e os imigrantes como soluções econômicas. As medidas para essas mudanças foram propostas para o Ministério dos Negócios Exteriores, pelo Ministro interino Francisco Crispi e pelo chefe de gabinete Alberto Pisani Dossi³³. Para alimentar os interesses do governo italiano, eles precisavam saber o que acontecia com os emigrados nas colônias do Brasil, e, por isso, passaram a exigir dos representantes da Itália no exterior (Cônsules), relatórios sobre a situação dos países nos quais residiam. Esses relatórios deveriam ser semestrais. Sobre essas mudanças propostas por Crispi, Claricia Otto³⁴ faz a seguinte colocação:

Crispi viu a emigração como solução para os problemas socioeconômicos internos do país e percebeu que para dar à Itália “um papel de primeiro plano no cenário da política internacional mundial era preciso também reformar o Ministério dos Negócios Exteriores”. Ao apresentar à Câmara dos Deputados um projeto de lei sobre a emigração, enfatiza uma ideia colonialista ao dizer que o governo não deveria perder de vista os emigrados, quer para tutelá-los em caso de necessidade e para manter firmes os vínculos com a Itália, quer para encaminhar em vantagem dela os frutos do trabalho dos emigrados.

Diante disto, é visto que o principal interesse da Itália era conseguir dos emigrados recursos para a sua economia. A vinda de padres para as colônias entra neste contexto, pois com as visitas dos cônsules eram vistas as necessidades e reivindicações dos colonos. Um dos apelos dos colonos era a vinda de um padre italiano que tivesse residência fixa na colônia. Esse pedido foi atendido a partir de 1899, quando a diocese de Turim (Itália) envia sacerdotes italianos para as colônias do Sul de Santa Catarina. Mas vale ressaltar que antes disso a população era atendida por diversos padres, até mesmo os que não eram italianos.

Urussanga contou com o apoio do Cônsul Gherardo Pio de Savoia na construção das escolas, que era um dos apelos dos colonos. O Cônsul buscou com o governo italiano subsídios para a construção da escola na colônia. A tão esperada escola ficou em pé, o governo italiano deu subsídio na verba para a construção da escola e salário dos professores e materiais. Mas não foi por muito tempo, o governo italiano parou de dar suporte para as escolas, porém, para os colonos esta conquista era algo compensador, então eles próprios continuaram a manter a escola para os seus filhos.

Como já foi exposto, o primeiro pedido para elevação de Urussanga à categoria de município foi negada, e os colonos, juntamente com P. Marzano e o Cônsul Gherardo Pio de

³³ OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades:** Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 88.

³⁴ OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades:** Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 89.

Savóia, planejaram a estratégia de negação ao voto. Para acabar com impasses, o governo decide atender ao novo pedido, e em 6 de outubro de 1900 Urussanga torna-se município.

Para lutar em prol da emancipação política de Urussanga, a elite se uniu na luta contra os interesses de Tubarão, que eram contrários à emancipação. Para exemplificar essa luta pela emancipação que se deu em meio a conflitos, o jornal *La Pátria*, que era de propriedade do Cônsul Caruso MacDonald (porta-voz autorizado), traz o seguinte texto:

O município de Urussanga vive e viverá de vida verdadeira e gloriosa, porque nasceu forte, porque a sua emancipação deve-se a luta firme e constante de muitos anos e porque no seu seio guarda energias inexauríveis que o sol da ciência fará germinar. Ele, por isso compara-se à tenra plantinha, cujo desenvolvimento por muito tempo foi sufocado pelas ervas malignas: agora que as ervas foram extirpadas e que a luz o inunda com seus benéficos raios e o ar com sopro vivificante, desenvolver-se-á rapidamente e a sua estirpe vigorosa resistirá aos danos do tempo e às vicissitudes atmosféricas. E vivante!³⁵

Nesta citação, percebe-se os conflitos envolventes no processo de emancipação. Vê-se a exaltação sobre o município de Urussanga, que, como nota-se pelo texto, acreditava ter em seu berço uma história de luta e superação. Apesar de não falar quem eram as ervas malignas que até um determinado momento impediam o crescimento e emancipação de Urussanga, pode-se notar que Caruso MacDonald, proprietário do jornal, buscava legitimar seu poder através de discursos em favor de seu poder público, para conseguir mais apoio dos colonos e, logo, possíveis eleitores.

³⁵ Jornal *La Pátria*. Urussanga. 7 de julho de 1901, n.7. p. 1.

3 COMERCIANTES, PADRES, CÔNSULES E AS DISPUTAS PELO PODER POLÍTICO EM URUSSANGA

Como foi exposto no capítulo anterior, conflitos marcaram o processo de emancipação de Urussanga, mas assim que o decreto de emancipação do distrito foi tomado, eles não pararam por aí. Se o processo de emancipação uniu as várias forças sociopolíticas de Urussanga, foram estes grupos que entraram na disputa pelo comando do novo município. Os membros da elite local se tornaram elegíveis para os cargos públicos e as disputas políticas aconteceram entre eles. “Essa disputa pelo poder local é pensada a partir das relações de poder: são alianças, acordos, tensões e confrontos na disputa das elites pelo poder político³⁶”.

Essas elites desejavam ser porta-vozes dos colonos, e então formaram facções. As disputas pelo monopólio político/cultural ocorreram entre comerciantes, padres e cônsules, e durou praticamente toda a Primeira República. Como principais forças políticas envolvidas nesses jogos de poder, podemos destacar: os comerciantes Giacinto De Brida e Lucas Bez Batti, o padre Luigi Marzano e os cônsules Gherardo Pio de Savóia e Caruso Macdonald.

O comerciante Giacinto de Brida foi a principal liderança no processo de emancipação de Urussanga, e como “recompensa” dos esforços, foi o primeiro superintendente municipal. Segundo a historiadora Claricia Otto, “Caruso Macdonald era um porta voz autorizado [...]”³⁷, visto como uma eminência parda na política de Urussanga, durante toda a Primeira República. Foi cônsul italiano, advogado e proprietário do jornal La Pátria, responsável pela divulgação e organização das colônias italianas no sul catarinense. “Após a emancipação de Urussanga, ocupou o cargo de secretário da Câmara Municipal”³⁸. Dois anos após a elevação de Urussanga à categoria de município, realizaram-se eleições para indicações de superintendentes, conselheiros e juizes de paz. Duas chapas foram formadas: Giacinto De Brida X Lucas Bez Batti. Segundo apuração dos votos, Lucas Bez Batti apresenta-se como eleito. Giacinto De Brida, inconformado, afirma ter havido fraudes, porém essa acusação não foi levada em consideração.

O cenário político de Urussanga era composto por diversas desavenças, os discursos eram voltados para o exercício de poder, e para isso os principais interessados usavam sempre de articulações para alcançarem seus objetivos. “As lutas pelo espaço de poder foram travadas

³⁶ ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Criciúma: UNESC, 2012, p. 157.

³⁷ OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 198.

³⁸ OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 199.

também entre os superintendentes municipais e os padres”³⁹. Os colonos viam na figura dos padres sujeitos representantes da fé, o que para eles era um elo muito forte com a pátria de origem e assim detinham grande confiança neles. Sentindo-se ameaçados pela força do campo religioso sobre os colonos, “[...] os porta-vozes do poder laico utilizavam-se de discursos para se legitimar no poder e monopolizar os cargos públicos”⁴⁰. Fofocas e discursos humilhantes eram usados para difamar os membros do grupo oposto, como uma forma de se assegurarem no poder, ou para impedi-los de terem acesso ao poder.

Lucas Bez Batti, almejando o prestígio político só para si, faz acusações contra padres, entres eles estavam José Francisco Bertero e Luigi Marzano. A fim de tentar legitimar seu poder perante os colonos, Lucas Bez Batti tece graves acusações contra Bertero, uma delas era que o padre era “contra a arrecadação de impostos porque julga que os impostos diminuiriam seus honorários. Informa ainda que ele recebia dinheiro em batizados, casamentos, missas e bênçãos”⁴¹.

O padre Luigi Marzano e os seus seguidores, que eram Francisco Burzio, Giacinto de Brida, Sperandio Damiani e Torquato Tasso, foram designados como um “[...] grupo de desordeiros, causadores de confusões [...]”⁴². Os insultos eram frequentes, e aqueles que se direcionavam contra o padre Marzano tinham como objetivo também tirá-lo do cargo de vigário de Urussanga. E vai ser através dos jornais e periódicos que os discursos e insultos irão circular. Alguns periódicos se colocaram a favor do padre, tecendo muitas vezes discursos contrários, o de defesa. Caruso Macdonald, como proprietário do jornal La Pátria, aproveitava de seu poder para também tecer acusações contra o Padre Luigi Marzano. Caruso era a figura que articulava todas as estratégias de poder por trás de Lucas Bez Batti.

A figura do padre influenciou não somente o município de Urussanga, mas também a política regional. O jornal O Escopro⁴³, de Tubarão, também fazia questão de atacá-lo:

Agora surge esse bobo, esse jogral, esse arlequim, que acode ao chamado de Luiz Marzano a servir de escarneo com suas críticas contraproducentes contra o Brazil, chegando a sua petulância ao ponto de dizer que a capital Federal é nada mais nada menos uma qualquer aldeia da Itália!!!
Ah! bobo. Ah! idiota!

³⁹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 215.

⁴⁰ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 221.

⁴¹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 222.

⁴² OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 223.

⁴³ Jornal O Escopro. Tubarão. 28/11/1906, n. 8.

Esses insultos vindos do jornal *O Escopro* levanta algumas dúvidas no que tange ao interesse do redator do jornal Hermínio de Menezes em difamar o padre. Teria sido ele influenciado por interesses de mais alguém em destruir a imagem do padre Marzano? Talvez! Pois Hermínio de Menezes era seguidor do grupo em favor do Partido Republicano, juntamente com Caruso Macdonald, um dos principais rivais do padre nos conflitos políticos de Urussanga. Os ataques do jornal ao padre Marzano evidenciam que os embates pelo poder político ultrapassavam o espaço de Urussanga e se ampliavam para a região. Ao que parece, Marzano exercia influência na política local e regional.

E os insultos se dirigiram até seu livro “Colonos e Missionários na floresta do Brasil”, que foi escrito por Marzano na Itália em 1904 e traduzido em português pelo Padre João Leonir Dall’Alba. Ainda nesta mesma edição de *O Escopro*⁴⁴:

O padre Marzano tudo disse do Brazil; mas esqueceu-se de dizer que aqui um patife de sua tempera, é recebido e tratado muito bem pelos brasileiros. O livro de Marzano é um amontoado de tolices, crivado de inverdades proprias de espantos tacanhos, mesquinhos de um grotesco e desfructavel Marzano que transuda de despeito ou soffre das facultades intellectuaes. O padreco quiz, indubitavelmente, fazer “bonito” aos olhos de seus patrícios; mas enganou-se redondamente; todo o italiano sensato, criterioso profliga o seu procedimento.

Parece que o padre causava grande inquietação entre as elites. Esses discursos com termos pejorativos devem-se certamente ao fato de Marzano conquistar ainda mais prestígio no município e, logo, ameaçar os pretendidos cargos de poder tão almejado pelas elites e também no sentido de afirmação a nacionalidade de um Brasil melhor, com o objetivo de construir a boa imagem da República levantadas pelos republicanos e que estava sendo desqualificada pelo padre.

Assim, os embates entre o padre e as outras forças políticas, local e regional, evidenciam que os padres não eram uma unanimidade como de modo geral é apresentado pela historiografia, ou seja, os padres não tinham a palavra final.

Marzano também articulou um jornal, o *Il Mullo* (O Mulo), para devolver as acusações, dizendo, por exemplo, que Caruso Macdonald era maçom. Os embates entre as elites locais e os padres resultaram no afastamento de Luigi Marzano, primeiro pároco de Urussanga. Lucas Bez Batti, sentindo seu poder ameaçado, levou a conhecimento de Dom José Camargo Barros uma ameaça contra o padre: “ou o Senhor tira o padre Marzano, ou ele

⁴⁴ Jornal *O Escopro*. Tubarão. 28/11/1906, n. 8.

sai morto”⁴⁵. A princípio foi solicitado a transferência dele para Curitiba, mas ele preferiu retornar para a Itália em 1908⁴⁶.

Assim, com a partida de Marzano para a Itália, pode-se afirmar que se abriu caminho para o domínio político do grupo constituído em torno de Lucas Bez Batti e de Caruso Macdonald. Domínio este que se entendeu até o final da década de 1910. Contudo, antes de prosseguir com a análise das disputas sociopolíticas em Urussanga, considera-se relevante abordar como se processava a organização política em âmbito estadual.

3.1 Organização sociopolítica regional e estadual

Desde a proclamação da república no Brasil em 1889 até inícios dos anos 1930, Santa Catarina esteve sob o comando do Partido Republicano. Este período ficou marcado por conflitos e tensões dentro do próprio partido. Representando o partido no Estado Catarinense, destacaram-se dois nomes: Lauro Severino Muller e Hercílio Pontes Luz, “e os mesmos, por sua vez, juntos ou separadamente, eram o partido”⁴⁷.

Hercílio Luz e Lauro Muller controlavam a política em Santa Catarina. Lauro era representante catarinense em âmbito federal, foi três vezes governador do estado no período, mas não governou mais que quatro meses nos três mandatos, pois acabou assumindo cargos em âmbito federal, isso acordado no processo eleitoral. Comandando a política no estado, Lauro indicava os governadores, senadores e deputados federais e Hercílio Luz controlava em âmbito estadual, indicando os deputados estaduais. Os conflitos existentes no partido eram de alguma forma contornados e não externados, fazendo parecer até que nem existiam. Porém, pode-se ressaltar algumas divergências na política catarinense, quando, por exemplo, na Revolução Federalista, segundo Zanelatto⁴⁸, Lauro e Hercílio aliaram-se as tropas de legalistas para combater os federalistas. Lauro era aliado de Floriano Peixoto, e Hercílio fora motivado devido aos ideais republicanos, que o fazia discordar do autoritarismo do Presidente da República. Essas divergências foram cessadas com as eleições de 1894, quando Muller apoiou Hercílio para governar Santa Catarina. Outro exemplo da cisão política no Partido

⁴⁵ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 227.

⁴⁶ MARQUES, Agenor Neves. **Imigração Italiana - Edição comemorativa do Centenário de Urussanga**. Criciúma: Gráfica Ribeiro, 1978.

⁴⁷ CORREA, Carlos Humberto. **Um estado entre duas repúblicas: A revolução de 30 e a Política de Santa Catarina até 35**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984, p. 18.

⁴⁸ ZANELLATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Criciúma: UNESC, 2012.

Republicano, foi uma viagem realizada por Lauro Muller para a Europa, devido às questões de saúde. Durante sua ausência, Hercílio assumiria a chefia do Partido, o que acabou não acontecendo, pois o governador Gustavo Richard não aceitou a substituição. Outro caso dessas divergências ocorreu quando Nereu Ramos apoiou a Reação Republicana em 1921, um movimento a favor de Nilo Peçanha, candidato de oposição a presidência da República, diferente de Hercílio Luz, Adolpho Konder, Otacílio Costa e Caetano Costa, que apoiaram o candidato da situação, Arthur Bernardes.

Neste período outras famílias vinham em processo de ascensão política. Os Ramos, do planalto serrano (representavam o latifúndio), e os Konder, do Vale do Itajaí (representavam o comércio e a indústria). As disputas entre essas famílias vão se intensificar a partir da década de 1920, em especial após as mortes de Hercílio em 1924 e Lauro em 1926. Os Konder vão assumir o comando do estado com a eleição de Adolfo Konder em 1926 e os Ramos estarão na oposição após criarem o partido liberal catarinense, opondo-se ao partido republicano.

Em âmbito regional, ou seja, no sul catarinense, havia um domínio político das elites luso-brasileiras estabelecidas nos municípios de Laguna, Tubarão e Araranguá. Elites estas constituídas a partir da ocupação territorial no sul catarinense, especificamente em Laguna, a partir das sesmarias. Constituiu-se então a elite dos luso-brasileiros, que até a década de 1930 irá exercer o domínio socioeconômico-político e cultural na região.

Laguna foi uma das principais cidades de Santa Catarina durante a primeira República. A criação e utilização do porto fez de Laguna uma cidade-polo. As atividades portuárias despontavam, “seu porto escoava a produção, e seus comerciantes intermediavam os excedentes produzidos pelas áreas de imigração”⁴⁹. O comércio era uma importante atividade econômica, assim como a agricultura, os comerciantes que formaram o que chamamos de elite luso-brasileira dominaram o cenário político, não apenas em Laguna, mas em toda a região.

Tubarão era a cidade catarinense mais importante seguida de Laguna. Emancipou-se em 1870. Abrangia um vasto território no sul catarinense, por este motivo, Tubarão tornara-se o centro administrativo de seus núcleos coloniais durante a Primeira República, com exceção de Urussanga, que se emancipou em 1900, logo após a proclamação da República, e Orleans, em 1913. A elite luso-brasileira que irá dominar o cenário político durante a Primeira República mediava o transporte das mercadorias para as colônias que faziam parte do domínio do município. Elite esta composta pelos membros da família Colaço, que governaram Tubarão até 1922.

⁴⁹ ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Criciúma: UNESC, 2012, p. 115.

Araranguá também irá se configurar como uma das cidades mais importantes do sul de Santa Catarina, além de Laguna e Tubarão. Emancipou-se político-administrativamente de Laguna em 1880. Sua área territorial cobria desde o rio Urussanga até o rio Mampituba. O domínio político da cidade no período da primeira república desde 1883, de acordo com Zanelatto⁵⁰, esteve nas mãos de quatro famílias, seriam estas, as dos coronéis Porphírio Lopes de Aguiar, João Fernandes de Souza, Apolinário João Pereira e José Vieira Maciel. De 1883 a 1887 Porphírio presidiu a Câmara de Vereadores, de 1887 a 1894 comandou o município em três mandatos. Já Apolinário, em 1895, foi chefe do partido Republicano em Araranguá e deputado até 1900. Por um período um pouco maior, o coronel João Fernandes de Souza comandou o município de 1903 até 1926. José Vieira Maciel assumiu a chefia do partido Republicano em 1924.

3.2 Mudanças e permanências nas disputas pelo poder local

Em Urussanga, após a emancipação em 1900, as disputas pelos cargos públicos iniciaram. Sendo assim, as elites do município se alternaram nos cargos de superintendente e conselheiros municipais. Os quadros a seguir mostram a ordem dos superintendentes (prefeitos) e conselheiros municipais (vereadores) de Urussanga durante a Primeira República.

Quadro 1: Primeiro Superintendente de Urussanga e Conselheiros Municipais.

SUPERINTENDENTE	CONSELHEIRO ⁵¹	PERÍODO
Giaacinto de Brida	EFETIVOS Lucas Bez Batti Antonio Cechinel Giovani Pescatori Antonio Baricchelo	1900 (6 de outubro) – 1901 (8 de março)

Fonte: Elaborado pela autora a partir de <<https://portalsidera.wordpress.com/2012/04/30/pioneiros-em-destaque-nos-primordios/>>; Câmara Municipal de Vereadores de Urussanga.

⁵⁰ ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder:** o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas. Criciúma: UNESC, 2012.

⁵¹ Foram Suplentes de Conselheiros: João Fontanella, Frederico Rosso, João de Bona Porton, André Teza, Fernando Búriogo, João Bortoloto.

Como fica evidenciado no quadro acima, em 1900, ano de emancipação política de Urussanga, Giacinto de Brida foi nomeado como primeiro prefeito da cidade, durante o governo de Filipe Schimdt no estado de Santa Catarina. Ao que parece sua indicação não sofreu restrições, as forças/grupos que estiveram à frente do processo de emancipação concordaram com seu nome, pois, como exposto no quadro, Lucas Bez Batti, uma das lideranças na luta pela emancipação, foi nomeado Presidente do Conselho Municipal. Entretanto, esta suposta tranquilidade na nomeação de Giacinto de Brida para estar à frente da instalação do novo município não perdurou por muito tempo. Disputas entre Brida no executivo e Bez Batti no legislativo foram ocorrendo no ano seguinte e se refletiram na eleição de 1902.

Quadro 2: Segundo superintendente de Urussanga e Conselheiros Municipais.

SUPERINTENDENTE	CONSELHEIRO⁵²	PERÍODO
Lucas Bez Batti	EFETIVOS	
	Arcangelo Bianchini	1902 (7 de dezembro)
	Antonio Cechinel	– (9 de janeiro 1903) –
	Sebastião Bez Fontana	1918
	Stefano Napolini	
	EFETIVOS 1907/1910	
	Arcangelo Bianchini	
	Antônio Cechinel	
	Sebastião Bez Fontana	
	Antônio Remor	
	Edgar da Cunha	
	Carneiro	
	EFETIVOS 1911/1914	
	Sebastião Bez Fontana	
	Antônio Remor	
Giacinto de Brida		
Attílio Cassol Bainha		

⁵² Foram Suplentes de Conselheiros: Cesare Cechinel, Pedro Zanelatto, Pedro Nesi, João de Bona Porton. Período 1907/1910: João de Bona Porton, Jeronymo Feltrin, André Teza, Vicente de Bona, Ignácio Barzan. Período 1911/1914: Jácomo de Brida, Domingos Fontanella, Estevão Giordani, José Perucchi. Período 1915/1918: José Perucchi, Dante Moretti, Arcangelo Patel, Isidoro Cappelletti.

	José Búrigo EFETIVOS 1915/1918 João de Pellegrin Cesare Cecchinel Estevão Giordani João Zanatta Antônio Remor	
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora a partir de <<https://portalsidera.wordpress.com/2012/04/30/pioneiros-em-destaque-nos-primordios/>>; Câmara Municipal de Vereadores de Urussanga.

Assim, dois anos após a emancipação, acontece a primeira eleição para prefeito, onde concorrem Jacinto de Brida e Lucas Bez Batti. Nas eleições de 1902, Lucas Bez Batti foi eleito, porém Jacinto de Brida não aceita facilmente a derrota, acusando Bez Batti de fraude eleitoral. Na tentativa de reverter o resultado da eleição, Giacinto de Brida encaminha um ofício ao vice-governador Vidal Ramos Júnior:

O conselho, arrogando-se o direito de nomear e demitir os empregados municipais e de visar a todos os documentos de despesa, o conselho ultrapassa suas atribuições meramente legislativas e invade as funções do poder executivo, reduzindo assim o superintendente a mero títere, sem liberdade de ação e sem direito ao respeito indispensável dos empregados como demonstra a cópia anexa do tesoureiro municipal. É evidente que no desespero de ver frustrados todos os seus planos de empolgar a administração do município, pelas vergonhosas fraudes de 7 de dezembro de 1902, a oposição [Bez Batti] sem meio de lutar diretamente contra o governo do Estado, pela sua sábia decisão, procura petulantemente, por esses meios desrespeitosos às leis básicas da nossa nacionalidade, desprestigiar V. Exa., obstando os efeitos do ato que mandou continuar em exercício este governo municipal.⁵³

Fica evidente a disputa pelo poder político em Urussanga. Mesmo Vidal Ramos tendo mandado suspender as eleições, os eleitos não acataram e enviaram também ao governador uma petição acusando de Brida.

Os abaixo-assinados conselheiros municipais de Urussanga, eleitos em 07/12/1902, depois de tomarem conhecimento das ilegalidades cometidas pelo cidadão Jacinto de Brida, apresentando a V. Exa. uma ata de apuração completamente falsa, para criar uma dualidade que não existe, retiram toda a confiança do mesmo cidadão Jacinto de Brida, fazendo votos para que a ata de V. Exa. de 29 do mês de dezembro p.p.

⁵³ Ofício do superintendente Jacinto de Brida ao vice-governador Vidal Ramos Junior. Urussanga, 02/03/1903. ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder:** o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas. Criciúma: UNESC, 2012, p. 200.

suspendendo a apuração das eleições legalmente realizadas, em que foi eleito superintendente o cidadão Lucas Bez Batti, seja revogada.⁵⁴

As disputas continuaram e envolviam o jogo político estadual. No dia 9 de janeiro de 1903, oito dias após a posse do prefeito eleito Lucas Bez Batti, o governador do Estado Antônio Pereira da Silva e Oliveira o obriga a deixar o cargo. Logo, o entregou para Jacinto de Brida, fato que não durou muito tempo, pois ainda no mesmo ano essa situação mudou. Em 15 de agosto Lucas Bez Batti reassume o seu cargo. Terminado estas disputas, Lucas Bez Batti firma-se como superintendente, permanecendo no comando do município por 16 anos. Segundo Claricia Otto:

Esse período era marcado pelo Federalismo implantado pela República em substituição ao centralismo imperial e por um sistema eleitoral tendo cada município seu chefe político que estava ligado aos oligarcas dominantes no estado. Os votos dos eleitores eram disputados pelas oligarquias estatais, por meio dos chefes políticos dos distritos ou municípios. Nesse esquema de arregimentação de oligarquias locais em torno do governador, no decorrer de três décadas Lucas Bez Batti reelegeu-se no cargo de superintendente, em Urussanga.⁵⁵

O poder político de Lucas Bez Batti e seu grupo irá perdurar durante praticamente toda a Primeira República, ultrapassando-a, pois ele volta à prefeitura de Urussanga em 1931 até 1935. Bez Batti e seu grupo saíram do poder no final da década de 1910, um grupo de oposição venceu as eleições. Este grupo permaneceria no poder até o final dos anos de 1920, e, ao que tudo indica, em âmbito estadual estavam próximos de Hercílio Luz e da família Konder. Em primeiro de janeiro de 1919, Pedro Damiani assumiu o comando da superintendência do município⁵⁶. Durante o governo foi instalada a Comarca de Urussanga no dia 20 de dezembro de 1925, acontecimento muito prestigiado pelas lideranças do Partido Republicano Estadual e Regional. Estiveram presentes a representação do governador, deputados, secretário. Este fato certamente fortaleceu o governo de Damiani e contribuiu para fazer seu sucessor.

Quadro 3: Terceiro Superintendente de Urussanga e Conselheiros Municipais.

SUPERINTENDENTE	CONSELHEIRO ⁵⁷	PERÍODO
Pedro Damiani	EFETIVOS	1919/1920 - 1926

⁵⁴ Ata da câmara, 1 sessão extraordinária. Urussanga, 09/01/1903. In: livro 1, p. 38 ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Criciúma: UNESC, 2012, p. 200

⁵⁵ OTTO, Claricia. **Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 203.

⁵⁶ Em 1920 Damiani entregou o cargo a seu substituto, Angelo Antonio Nichele, e retorna em 1921.

⁵⁷ Foram Suplentes de Conselheiros no período: Damião Damiani, Antônio Barichello, Angelo Antônio Nichele.

	Jorge da Cunha Carneiro Júlio Toldo João Pagani Caetano Bez Batti Attílio Feltrin	
Angelo Antonio Nichele		1919/1920-1921

Fonte: Elaborado pela autora a partir de <<https://portalsidera.wordpress.com/2012/04/30/pioneiros-em-destaque-nos-primordios/>>; Câmara Municipal de Vereadores de Urussanga.

As disputas que tiraram o grupo de Bez Batti do poder foram muito acirradas e ficam muito bem evidenciadas na matéria do jornal *O Dever* de Laguna:

Felizmente a oposição venceu, senão teríamos essa camarilha chefiada por um tal Caruso, a nos perturbar a paz e a chupar dos cofres municipais. Caruso, como todos sabem, acumulava os cargos de empregado do Ministério da Agricultura e de secretário municipal. Graças que temos no governo municipal pessoas de respeito e de bom senso e não uns imbecis que só serviam para andar a cabresto dos “privilegiados”, que para aqui aportam como grandes salvadores e que não passam de especuladores, a caça de dinheiro para encherem suas bolsas que nunca conheceram fartura. Pedro Damiani é um homem escrupuloso que está preocupado em pagar tamanha dívida municipal, cuja saída é um problema, e que não se deixa levar por conselhos dum maquiavélico Caruso e outros que sempre trabalharam somente para seu interesse.⁵⁸

As disputas que tiraram o grupo de Bez Batti do poder estão ligadas também aos embates em âmbito estadual, pois a derrota de Bez Batti ocorre no mesmo contexto de ruptura dos Ramos com o Partido Republicano Catarinense que estava passando para as mãos de Hercílio Luz e a família Konder. Bez Batti e seu grupo, desde que assumiu o comando da superintendência de Urussanga, estiveram em âmbito estadual muito próximo da família Ramos. Assim, na eleição seguinte em Urussanga o grupo ligado aos Konder (Adolfo Konder havia sido eleito governador em 1926) venceu o pleito, como demonstra o quadro abaixo.

Quadro 4: Último Superintendente de Urussanga e conselheiros Municipais ao fim da Primeira República.

SUPERINTENDENTE	CONSELHEIRO	PERÍODO
Bernardo Tasso	EFETIVOS Attílio Cassol Bainha Angelo Antônio Nichele José Peruchi João Pagani	1927/1930

⁵⁸ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 205.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de <<https://portalsidera.wordpress.com/2012/04/30/pioneiros-em-destaque-nos-primordios/>>; Câmara Municipal de Vereadores de Urussanga.

Quanto ao grupo de Bez Batti, foi para a oposição ao longo da década de 1920 acompanhando os Ramos. Pode-se inferir uma aproximação de Bez Batti e os Ramos, que provavelmente se deu com o decorrer do tempo, em torno de seus 16 anos de governo, pois em um primeiro momento, nas eleições de 1902 por exemplo, onde Bez Batti foi acusado de fraude por Giacinto de Brida, Vidal Ramos pediu a suspensão das eleições, portanto percebe-se que neste momento ainda não havia uma aproximação entre eles.

Bez Batti foi o chefe do comitê pró-Getúlio nas eleições presidenciais de 1930. Seu grupo “levou às urnas 496 votos para a Aliança Liberal, contra 96 para o Sr. Júlio Prestes⁵⁹”. Este dado demonstra a força política de Bez Batti e seu grupo em Urussanga, que na década de 20 estiveram afastados do comando do município.

Este resultado lhe renderia a indicação para retomar o comando do município após o Movimento de 30, que colocou Getúlio Vargas no poder.

⁵⁹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 207.

3.3 O Fascismo em Urussanga

No emaranhado de disputas políticas que vinham se processando em Urussanga, na década de 1920, um ingrediente foi acrescentado – o fascismo italiano que foi amplamente divulgado e organizado em especial nas áreas onde estava estabelecidos os imigrantes italianos e seus descendentes.

Com a chegada de Mussolini ao poder na Itália, não tardou muito para suas ideias fascistas apontarem no Brasil. Fazer uma nova Itália fora dela pode-se dizer que foi seu objetivo, pois visava aumentar os capitais econômicos e culturais da Itália à custa dos imigrantes italianos no Brasil através da imigração e atividades comerciais. A presença fascista em Santa Catarina era vista pelos grupos fâscios – quatro se encontravam no sul catarinense, especificamente em Urussanga, Nova Veneza, Laguna e Meleiro.

Em Urussanga havia uma das associações criadas para atrair os imigrantes para os ideais fascistas: a sociedade Regina Margherita. De acordo com Otto⁶⁰, em Urussanga mesmo que fossem pelas pequenas elites locais, o fascio ia se estabelecendo. Sobre as instalações da sede do partido fascista, Marques⁶¹ relata como estava organizado.

A sede do partido fascista de Urussanga era um barracão construído no local onde hoje funciona o fórum da comarca, no centro da cidade. Ali, os filiados se reuniam para saber das novidades além-mar nos fartos materiais que eram enviados. “Tinha até cinema, aqueles filmes mudos para o pessoal assistir”, afirmou Armando ao explicar que seu pai era filiado ao núcleo chamado Cesar Cechinel e que, na década de 1920, pagava cinco mil réis, ao partido, por ano. O tesoureiro era Giuseppe Caruso Macdonald. “Os fascistas de Urussanga também usavam a camiseta preta, que era o uniforme deles e, na sede do fâscio, além das reuniões deles, também funcionava uma escola [...]”.

Como fica evidenciado na citação, em Urussanga o fascismo estava muito bem organizado, o núcleo já havia sido batizado com o nome de Cesar Cechinel, tinham local onde faziam as reuniões, recebiam farto material proveniente da Itália, assistiam filmes que certamente enalteciam a Mussolini e a Itália fascista, usavam uniforme, pagavam contribuições ao partido, tinham como tesoureiro do núcleo fascista Caruso Macdonald – nome de relevância na vida sociopolítica de Urussanga em toda a Primeira República. Por

⁶⁰ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006.

⁶¹ OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades**: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006.

fim, na sede do núcleo funcionava uma escola que difundia o ideário fascista (versão do hino fascista era cantada na escola). Segundo Otto⁶²:

Por meio delas, as atividades com os filhos dos imigrantes se transformaram em estratégias para formar uma sociedade segundo os moldes fascistas. A investida nas escolas italianas do exterior foi iniciada em 1923/24, quando várias leis centralizavam as escolas e acentuavam sua função de “educar italianamente o jovens italianos do exterior”.

Assim, além das escolas, o governo fascista utilizou-se de outros canais para atingir os imigrantes italianos e seus descendentes – imprensa, cônsules e agentes consulares. A fotografia a seguir mostra os membros do grupo fascista de Urussanga.

Figura 1: Grupo Fascista de Urussanga.



Fonte: Marques, 1978, p. 86.

Na fotografia feita em 1928 percebe-se a presença de alguns nomes que faziam parte da elite Urussanguense: além de Giuseppe Caruso MacDonald, estavam os agentes consulares Antônio Remor e Giacinto Tasso. Foram as elites locais de Urussanga, em especial os imigrantes italianos e seus descendentes, os aderentes ao fascismo. Pode-se inferir que a

⁶² OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades:** Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006, p. 237.

adesão ao fascismo tenha sido na perspectiva de conseguir dividendos econômicos⁶³ e políticos, pois as áreas de colonização italiana no Sul Catarinense estavam ainda muito isoladas, e o poder socioeconômico-político estava nas mãos das elites luso-brasileiras.

Contudo, ao final dos anos 1920 estas elites que organizaram o fascismo em Urussanga fizeram opção em sua maioria pela Aliança Liberal e pelo Partido Liberal, como, por exemplo, Caruso MacDonald, que foi eleito em 1931 para dirigir o Partido Liberal em Urussanga.

⁶³ GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda, 1994. A autora demonstra como na região colonial italiana o fascismo foi tomado como um instrumento pela burguesia para melhorar suas condições de produção e para tornar-se a classe dirigente da região.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa fundamentou-se na renovada história política, com ela percebemos a importância de analisar as especificidades de cada acontecimento. Assim, dando visibilidade a este novo conceito, contribuiu-se para nobilitar a historiografia sobre história política regional. A herança dos Annales para historiadores de diferentes épocas, fez gritar e emergir da obscuridade uma riqueza de fontes, sendo que estas silenciadas, deixavam nossa história sempre com reticências, a particularidade, os processos, as bases estruturadoras, ficavam de lado. Essa herança, posso afirmar, contribuiu muito para minha pesquisa, pois tive a oportunidade de pesquisar em jornais do século passado, analisar processos estruturantes de uma sociedade recém-formada, como Urussanga.

Com o propósito inicial de meu trabalho em destacar as disputas pelo poder político em Urussanga na Primeira República, evidenciou-se que estas se deram por meio de conflitos que ultrapassaram os limites municipais de Urussanga, e que foram elites de italianos e descendentes que mantiveram a hegemonia do poder no município. Logo, a corrida pelo poder entre os concorrentes ao monopólio dos espaços de poder na Primeira República no sul catarinense estava cheia de intrigas e interesses, de um lado viu-se italianos buscando prestígio através do poder econômico, um padre italiano usando da boa-fé dos colonos para não perder seus patrícios, de outro lado estavam cônsules italianos e o próprio governo italiano, visando aumentar capital econômico e cultural para a Itália à custa dos colonos, ou seja, diferentes interesses levaram todos ao mesmo objetivo: ocupar os cargos públicos de Urussanga que ficaram disponíveis após a emancipação.

A divisão dos capítulos da pesquisa apresentada, buscou trabalhar em forma cronológica, desde o início da imigração italiana em Urussanga até o final da primeira República, já que este foi o recorte escolhido, assim para quem quer que faça a leitura, consiga se situar em tempo e espaço. Os objetivos apontados para a pesquisa foram atingidos, pôde-se destacar as disputas pelo processo de emancipação política de Urussanga, quando um grupo em prol emancipação foi articulado, e seus integrantes que neste processo estiveram unidos, foram os mesmos que protagonizaram as disputas e os conflitos no município, o relatório de todos os superintendentes e conselheiros municipais disponibilizado pela câmara de vereadores de Urussanga, possibilitou identificar os espaços públicos que foram sendo ocupados pelas elites, famílias e lideranças no município, e a análise na historiografia local e regional, a pesquisa em jornais, me permitiu demonstrar as conexões que existiram entre alguns grupos e lideranças em Urussanga na Primeira República.,

Das dificuldades encontradas para a realização da pesquisa, a saída a campo para coleta de informações sobre os processos eleitorais de 1900 a 1930, foi a principal. O cartório eleitoral de Urussanga me informou que o acervo com documentos antecedentes à 1980 não estavam organizados, e que possivelmente nem se encontrassem ali, mas como deixei solicitada a informação, os colaboradores do cartório mexeram no acervo e me deram o retorno, fui informada que o cartório da cidade não tem registros dos documentos eleitorais dos anos de 1945 para trás, e que talvez estivessem no arquivo público em Florianópolis. Contudo, indo a busca desses registros na capital, os mesmos também não foram encontrados. O que se percebe diante do problema, é a carência por cuidados com documentos valiosos não somente para minha pesquisa como para outras, pois percebi analisando a historiografia e cito como exemplo o estudo de Clarícia Otto, a mesma não elenca muitas informações sobre os processos eleitorais de Urussanga, as disputas eleitorais passam superficialmente por seu trabalho, o que evidencia as dificuldades que teve para ter acesso as fontes. Mas o problema exposto não me desanimou, pelo contrário, ele me desafiou a continuar a pesquisa.

5 REFERÊNCIAS

BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os vênnetos em Santa Catarina.** Florianópolis: Insular/Ed. Da UFSC, 1999.

BURKE, Peter. Abertura a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CORREA, Carlos Humberto. **Um estado entre duas repúblicas: A revolução de 30 e a Política de Santa Catarina até 35.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

COSTA, Marcia Marques. **Tanti anni dopo.** Urussanga: Ed. do autor, 2012.

DALL'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina.** Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul; Florianópolis: Lunardelli, 1983.

FÉLIX, Loiva Otero. A história política hoje: novas abordagens. **Revista Catarinense de História**, n. 5, 1998.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Parlenda, 1994.

JULLIARD, Jaques. A Política. In: LE GOF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novas abordagens.** 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LENZI, Alberto Silveira. **Partidos e políticos de Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983.

MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga.** Urussanga: Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979.

MARQUES, Agenor Neves. **Imigração Italiana - Edição comemorativa do Centenário de Urussanga.** Criciúma: Gráfica Ribeiro, 1978.

MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Tradução de João Leonir Dall'alba. Florianópolis: Editora da UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

ZANELATO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Criciúma: UNESC, 2012.

Fontes:

Atas de Posse Câmara de vereadores de Urussanga.

Jornal La Pátria. Urussanga 7 de julho de 1901, n.7. p. 1.

Jornal O Escopro. Tubarão, 28/11/1906, n. 8.

Lista dos conselheiros que atuaram como presidentes no período de 1901 à 1947, da Câmara Municipal de Vereadores de Urussanga.

Lista dos superintendes (prefeitos) de Urussanga no período 1901 a 2015, da Câmara Municipal de Vereadores de Urussanga.

Lista dos conselheiros municipais de Urussanga no período de 1901 a 2015, da Câmara Municipal de Vereadores de Urussanga.